



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

DORALICE CAROLINA RODRIGUES FARIAS

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL:
UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA**

**CAMPINA GRANDE
2021**

DORALICE CAROLINA RODRIGUES FARIAS

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL:
UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Prof^a. Ms. Raisa Fernandes Mariz Simões

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224a Farias, Doralice Carolina Rodrigues.
A atuação da Psicologia na hospitalização infantil [manuscrito] : uma revisão narrativa de literatura / Doralice Carolina Rodrigues Farias. - 2021.
33 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.
"Orientação : Profa. Ma. Raísa Fernandes Mariz Simões, Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Psicologia hospitalar. 2. Criança hospitalizada. 3. Saúde da criança. I. Título

21. ed. CDD 613.043 2

DORALICE CAROLINA RODRIGUES FARIAS

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL:
UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA**

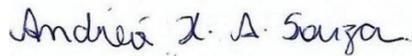
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia

Aprovada em: 05/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ms. Raisia Fernandes Mariz Simões (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dra. Andréa Xavier de Albuquerque de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai Antônio Ednaldo, pelo seu amor incondicional e as minhas tias, Stela e Zilda por todo o apoio e incentivo para a concretização desta graduação.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me proporcionar saúde e ser a minha fortaleza em todos os momentos.

À minha irmã Jéssica, por ser o meu porto seguro.

À minha orientadora Prof^a. Ms. Raisia Mariz, que gentilmente aceitou me orientar, trazendo ricas contribuições ao trabalho.

Às minhas colegas de turma, Ana, Karen e Luana, por toda a cumplicidade, carinho e acolhimento durante os cinco anos de graduação.

Aos supervisores e professores do departamento de Psicologia da UEPB que fizeram parte do meu percurso acadêmico, sou grata por todos os ensinamentos, crescimento e pelas oportunidades proporcionadas.

À todos, que de alguma forma me ajudaram a trilhar esse caminho da Psicologia, meus sinceros agradecimentos.

“A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo, ordenar as paixões humanas conforme a constituição do homem é tudo o que podemos fazer pelo seu bem-estar.”

ROUSSEAU

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo investigar e analisar as principais intervenções da Psicologia utilizadas em crianças hospitalizadas. Dessa forma, a pesquisa visa compreender os aspectos psicológicos vivenciados pela criança durante o processo de adoecimento e hospitalização, além da reflexão acerca das contribuições da atuação do psicólogo no contexto pediátrico. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, descritiva, com abordagem qualitativa. As fontes bibliográficas foram identificadas através das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), no Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), Public Medline (PubMed) e CAPES Periódicos. Com base nos achados deste estudo, ficou evidente a importância da atuação dos profissionais de psicologia na hospitalização infantil, em que através de ações interventivas contribuem para a construção de estratégias de enfrentamento, facilitando uma maior aceitação do tratamento e humanização da assistência à saúde da criança hospitalizada.

Palavras-Chave: Criança Hospitalizada. Intervenção Psicológica. Psicologia Hospitalar.

ABSTRACT

This research aims to investigate and analyze the main Psychology interventions used in hospitalized children. Thus, the research aims to understand the psychological aspects experienced by the child during the illness and hospitalization process, in addition to reflecting on the contributions of the psychologist's role in the pediatric context. This is a descriptive and narrative literature review with a qualitative approach. The bibliographic sources were identified through the Scientific Electronic Library Online (SCIELO) databases, in the Latin American and Caribbean Literature on Health Science (LILACS), Public Medline (PubMed), CAPES Periodicals, as well as books that cover about the theme. Based on the findings of this study, the importance of the role of psychology professionals in child hospitalization was evident, in which through interventional actions they contribute to the construction of coping strategies, facilitating greater acceptance of treatment and humanization of child health care hospitalized.

Keywords: Hospitalized Child. Psychological Intervention. Hospital Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL	11
2.1 A PSICOLOGIA NO CENÁRIO HOSPITALAR	14
3 METODOLOGIA	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
5 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O conceito de saúde permeia a história humana desde a antiguidade, sendo referido como algo relacionado à religião ou aludido à ausência de doença. De acordo com a mais nova definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), seria o estado de “completo bem-estar físico, mental e social” (KAHHALE, 2003, p. 165).

A predominância do modelo biomédico no campo da saúde, que tende a focalizar apenas o aspecto fisiológico do ser humano, torna desafiador a construção de uma prática humanizada na assistência à saúde da criança hospitalizada. Diante disso, a Psicologia, no âmbito hospitalar busca uma atuação que contribua cada vez mais para uma assistência que integre as características biopsicossociais do paciente, de modo humanizado e especializado, acolhendo as demandas emocionais e construindo através de ações interventivas, estratégias de enfrentamento que propiciem a ressignificação acerca do processo de adoecimento e hospitalização (ESMERALDO et al., 2017).

É importante destacar que essa fragmentação do cuidado guarda relação com o processo de trabalho em saúde, que se caracteriza pelo reducionismo biológico e o tecnicismo. Contudo, esses pressupostos, estão sendo problematizados e discutidos com vistas a promoção de um cuidado mais holístico, sistêmico e interdisciplinar. A partir do momento que se procura escutar a criança hospitalizada, tentando entender sua subjetividade e buscando saber quais são seus medos e anseios, consegue-se uma amenização dos problemas e conflitos apresentados pela mesma. Por conseguinte, tal medida, se bem realizada, além de proporcionar o apoio supracitado, contribui para que a criança possa vir a ter condições de participar ativamente do seu tratamento (TERRA; CAMPOS, 2019).

Durante o meu percurso acadêmico pude experienciar o contato com a psicologia no âmbito hospitalar, bem como realizar intervenções em uma brinquedoteca de um hospital infantil através de um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), intitulado de “Brinquedoteca Hospitalar: Espaço de desenvolvimento psicossocial, aprendizagem e qualidade de vida” em que tem como objetivo oportunizar que crianças e seus

acompanhantes tenham um espaço para expressão de sentimentos e ressignificação acerca do processo de adoecimento e hospitalização através do brincar.

Sob essa perspectiva, o presente trabalho discorre acerca das intervenções da Psicologia utilizadas na recuperação da saúde no contexto pediátrico, compreendendo os aspectos emocionais envolvidos diante do processo de hospitalização. Assim, o objetivo principal é identificar, a partir da literatura científica, quais as intervenções disponíveis no campo da Psicologia que contribuem para o enfrentamento da experiência de hospitalização.

Portanto, a questão-problema que norteia esta pesquisa é: quais são as principais intervenções da Psicologia voltadas às crianças hospitalizadas? Para responder ao questionamento, a metodologia adotada consiste na revisão narrativa de literatura sobre a temática trabalhada, pautando-se na reflexão sobre as estratégias de enfrentamento utilizadas na promoção do bem estar da criança em situação de internação hospitalar, bem como em textos bibliográficos produzidos por diversos autores que dialogam com o assunto.

2 HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL

A doença consiste em um processo que normalmente envolve vivências de experiências negativas na infância. Quando existe a demanda por hospitalização, a situação pode tornar-se ainda mais complexa. Isto porque, a reclusão em instituições hospitalares pode ocasionar nas crianças conflitos emocionais em decorrência da fragmentação entre o relacionamento mãe-filho e da escassez de vínculos afetivos durante o desenvolvimento infantil (MOTTA; ENUMO, 2004).

O processo de hospitalização transfigura-se para o sujeito, como um período de vivência que implica em um processo de sofrimento, tanto físico como emocional. Conforme Vieira e Lima (2002, p. 553), “nos casos crônicos, especialmente, a criança e o adolescente têm seu cotidiano modificado”. Nesse sentido, os autores afirmam que a doença crônica por se tratar de uma enfermidade de duração prolongada, necessita de tratamentos médicos que geralmente exigem longos períodos de internação hospitalar.

É oportuno explicar que a hospitalização acontece como consequência de um processo que é iniciado com o adoecimento e, deste modo, um processo gradativo que se cumpre depois da passagem do paciente pelo pronto-socorro, pelos médicos e pelo diagnóstico realizado por meio de exames que irão evidenciar a necessidade de encaminhamento do paciente para a internação. Ademais, consiste em uma experiência que não passa despercebida nem para o paciente e nem para os familiares que se encontram nesse contexto (CALVETT; GAUER, 2008).

A internação hospitalar é bastante complexa e demanda do paciente uma mudança de hábitos e comportamentos face a rotina do hospital, com os seus horários, exames e medicações, em que o alívio almejado poderá se transformar em um processo de despersonalização, visto que o paciente sai de uma posição ativa para uma posição de passividade frente ao novo, por estar afastado do convívio familiar e social (AZEVEDO; SANTOS, 2011).

O processo de hospitalização compreende-se a partir das repercussões que recaem na vida do paciente, na sua rotina e na sua dinâmica familiar e social, e não somente como um simples processo de institucionalização e nem como se ao término da internação as consequências cessassem não demandando um acompanhamento posterior. Desta forma, ressalta-se que alguns casos acompanhados pela psicologia,

por vezes reverberam em encaminhamentos mais específicos, face à complexidade e possíveis sequelas desencadeadas nesse processo (DELVAN et al., 2009).

No que concerne ao contexto de crianças em processo de internação, existem fatores estressantes, sendo os mais comuns: rompimento da rotina diária, exposição a procedimentos médicos que por vezes são extremamente dolorosos e invasivos e, em grande parte dos casos, a perda da autonomia. Além disso, algumas crianças, quando internadas, confrontam-se com um estado de desamparo ao perceber sua vulnerabilidade corporal em decorrência do adoecimento, o que pode fazer emergir reações diversas como regressões, estados depressivos, fobias e transtornos de comportamento em geral (MOURA et al., 2014).

Vale explicar ainda que a hospitalização infantil é um processo invasivo, que culmina na separação da criança da presença familiar, em uma etapa de vida em que a presença dos familiares é muito relevante para o seu desenvolvimento, sendo capaz de mobilizar diferentes sentimentos. Então, compreende-se que são adquiridos significados e representações próprias de cada criança durante este período de adoecimento, tratamento e internação (CALVETT; SILVA, 2008).

Dessa maneira, é muito importante que a equipe de profissionais de saúde do hospital estejam preparados para dispor de um suporte adequado tanto à criança quanto a família, em virtude da dificuldade que será acompanhar o sofrimento vivenciado pela criança nesse processo de hospitalização, pois configura-se como um momento de bastante fragilidade e vulnerabilidade devido às limitações que fazem parte desse contexto (SOARES; ZAMBERLAN, 2001).

Na fase de internação, podem emergir muitas intercorrências apresentadas à criança, diante da rotina do hospital, como por exemplo, procedimentos invasivos, a presença constantemente de pessoas estranhas e reações de irritabilidade. Deste modo, existe o desafio colocado a equipe na minimização de possível resistência ao tratamento. Diante disso, a intervenção da psicologia junto à equipe multidisciplinar é essencial, visto que nesse contexto em que a criança encontra-se institucionalizada, os sentimentos e estados emocionais são capazes de comprometer o desenvolvimento dos processos do tratamento e de internação (AZEVEDO; SANTOS, 2011).

A enfermidade na infância pode apresentar diversas consequências na vida de uma criança e, assim, podem emergir dificuldades em relação à adaptação ao

processo da hospitalização e da doença em questão, afetando o seu desenvolvimento emocional e familiar. As possíveis reações de irritabilidade ocasionadas tanto pela criança hospitalizada, como por seus familiares, são previsíveis na adaptação a esse processo conflituoso, razão pela qual, a equipe de saúde deverá estar atenta para este fato (ALTAMIRA, 2010).

Sob essa perspectiva, compreende-se que o hospital transfere a criança para uma realidade que lhe é alheia, interferindo diretamente na sua vivência cotidiana. De acordo com, Ortiz e Freitas (2014, p. 598-599) dentre as questões que permeiam o processo de hospitalização, é previsto que a subjetividade da criança fique em segundo plano e ela passe a ser reconhecida apenas como um protocolo médico, em que seu nome próprio é substituído por um número. Por conseguinte, ainda segundo os autores, além de toda a restrição imposta pela nova rotina hospitalar, a criança perde o direito decisório de pertencimento de si.

Nesse sentido, durante a permanência da criança no hospital, Rolim e Góes (2009) declaram que

No espaço hospitalar a criança entra em grande sofrimento à medida que é despojada de suas roupas, de seus pertences e do convívio com a maioria de seus familiares. No entanto, mesmo diante dessa fragmentação da vida, ela continua a ter fantasias, emoções e sentimentos, o que demanda uma visão de tratamento que contemple as especificidades da infância e uma compreensão integral do desenvolvimento do sujeito (ROLIM; GÓES, 2009, p. 512).

É válido explicitar que a criança precisa sentir-se amparada e protegida para o enfrentamento dos efeitos e das implicações oferecidas pela hospitalização, motivo pela qual a inserção do psicólogo hospitalar é relevante, seja na assistência à criança ou para mediar os anseios face a equipe de saúde e às normas da instituição hospitalar, seja diante às reações da criança em consequência dos procedimentos realizados, processos familiares, características ambientais, além da fase e desenvolvimento em que está inserida (CALVETT; SILVA, 2008).

Em decorrência da diversidade das urgências e problemas associados a esse contexto hospitalar, a enfermagem pediátrica promove o desenvolvimento de estratégias psicológicas mais direcionadas em atenção a demanda infantil, como focar a criança nessa condição de adoecimento e internação, sua patologia, seus familiares e a equipe de saúde, como uma forma de reduzir os efeitos e as implicações

relativas ao processo de internação. Nesta direção, é importante que o psicólogo hospitalar esteja imerso na equipe de saúde da instituição em que está atuando, sendo um determinante para que seu trabalho seja mais efetivo junto ao paciente e seus familiares (CREPALDI; GABARRA, 2006).

Sendo assim, algumas ações têm sido sugeridas e implementadas para um tratamento mais holístico e humanizado, como: a liberação de visitas de outros membros da família, a permanência dos pais junto ao paciente, o incentivo à participação da mãe no cuidado e na tomada de decisão quanto ao tratamento e a organização de grupos de apoio aos familiares com a finalidade de organização da assistência, tendo como foco a criança e a família (ALTAMIRA, 2010).

Perante o exposto, cabe destacar que o tratamento com a criança hospitalizada em decorrência de todas as especificidades apresentadas, necessita de uma atuação integralizada que se atente para os aspectos singulares vivenciados pela mesma. Assim, compreendendo as condições de saúde e suas consequências no desenvolvimento da criança, é possível prestar um atendimento biopsicossocial ao paciente em situação de internação hospitalar. Dessa forma, compete refletir sobre a inserção do profissional de psicologia junto a equipe multiprofissional do hospital e suas contribuições no contexto pediátrico.

2.1 A PSICOLOGIA NO CENÁRIO HOSPITALAR

A inserção da Psicologia no campo hospitalar, conforme afirma Chiattonne (2000), ocorre a partir da mudança de paradigma acerca do processo saúde-doença, em que se compreende a dimensão biopsicossocial do sujeito hospitalizado e opõe-se à hegemonia do modelo biomédico, construindo assim, novas formas de atuação na assistência à saúde que adote uma visão ampliada do ser humano.

No Brasil, em 1954, a psicóloga Mathilde Neder foi pioneira nesta área de atuação, mediante seu cargo na Clínica Ortopédica e Traumatológica da Universidade de São Paulo, na qual tinha como função prestar assistência psicológica a crianças submetidas a cirurgias de coluna e seus acompanhantes (Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2005). A partir disso, vários psicólogos adentraram aos hospitais realizando atendimentos, configurando-se então, como uma nova forma de promover saúde, visando o bem estar psicológico dos pacientes e demais envolvidos.

Assim, com a entrada do profissional de psicologia nesta nova área de atuação, julga-se necessário a implementação de um termo que possa abranger esse trabalho, surgindo no Brasil, o termo Psicologia Hospitalar. Em 2000, a Psicologia Hospitalar foi reconhecida como uma especialidade pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), através da resolução de nº 014/2000, na qual permite a regulamentação do título de especialista, passando a ser identificada como um campo de conhecimento que percorre o caminho da assistência, do ensino e da pesquisa, integrando a Psicologia com diversas áreas da saúde que atuam dentro dos hospitais (BRUSCATO; RODRIGUES; LOPES, 2004).

Dessa forma, pode-se afirmar que o percurso da Psicologia Hospitalar se dá através de uma soma de ações e discussões interligadas ao processo de cuidado à saúde do indivíduo hospitalizado. Ademais, o Conselho Federal de Psicologia criou o Manual de Psicologia Hospitalar (2007), trazendo direcionamentos acerca da prática dos psicólogos dentro da instituição hospitalar, ressaltando que o objetivo principal desse trabalho é a construção de estratégias que contribuam na promoção de saúde e na qualidade de vida. Segundo Campos (1995, p.42), “a doença física é acompanhada de uma manifestação na esfera psíquica, ocasionando também alterações na interação social. A doença provoca, precipita ou agrava desequilíbrios psicológicos, quer no paciente, quer na família” e no cenário hospitalar, vê-se com frequência experiências de intenso sofrimento, seja durante o impacto ao receber o diagnóstico ou das limitações advindas de doenças. Nesse sentido, Freitas (1980), conforme citado por Campos (1995, p. 69), analisa que o paciente tem a necessidade de falar abertamente sobre a sua patologia e precisa se sentir acolhido ao compartilhar as suas angústias sobre o processo de adoecimento. Logo, a atuação do psicólogo hospitalar é prestar a assistência psicológica necessária ao paciente, de modo que o auxilie a lidar com as questões emocionais vivenciadas diante da experiência de hospitalização.

Diante disso, percebe-se que o olhar da psicologia no hospital consiste na identificação do sujeito para além da doença, compreendendo-o em suas peculiaridades e investigando quais as demandas existentes para se definir a forma que será realizada uma intervenção que contribua na amenização de fatores potenciais de sofrimento.

Além do mais, vale ressaltar que a prática do profissional de psicologia deve estar alinhada com a instituição, tendo em vista que o hospital é um ambiente que possui regras, rotinas e condutas específicas. A inserção do psicólogo junto à equipe de saúde pode se desenvolver de maneira multiprofissional, em que o trabalho é realizado de maneira independente de acordo com cada especialidade ou se desenvolver de maneira interdisciplinar, atuando de forma colaborativa com os outros profissionais (Alvarenga et al., 2013).

Sendo assim, é fundamental que sejam realizadas reuniões que tenham como finalidade a discussão dos casos atendidos, além dos registros em prontuários coletivos contendo informações necessárias sobre o estado de saúde de cada indivíduo, pois conforme afirmam as autoras Bezerra, Taurisano, Prebianchi (2018, p. 42), “o atendimento começa pela compreensão do quadro clínico do paciente”. Ambas as práticas são necessárias para que entre a equipe multiprofissional, haja um compartilhamento de saberes focalizado no restabelecimento da saúde do paciente, a fim de assegurar que o tratamento seja efetivo.

O psicólogo, tendo uma visão integrada do paciente, considerando os aspectos físicos e emocionais, poderá, junto com a equipe, efetivar as atividades de diagnóstico e de terapia, detectando os aspectos mais fantasiosos ou irrealistas que estejam interferindo no aparecimento da doença, na sua evolução e no processo de recuperação (CAMPOS, 1995, p. 97).

As práticas de assistência psicológica no hospital também devem incluir os familiares e os acompanhantes do paciente, tendo em vista que também estão vivenciando momentos de ansiedade, pois além de modificar a rotina da família, demanda dela a articulação de estratégias de enfrentamento para o período de internação hospitalar, em que muitas vezes é marcado pela não aceitação do diagnóstico do ente querido, desencadeando sentimentos de impotência, insegurança, tristeza e medo. Como consequência da sobrecarga emocional, pode vir a ocasionar conflitos no convívio social entre os membros da família, pois precisam prestar assistência ao parente hospitalizado e gerenciar as demandas do lar que acabam ficando em segundo plano.

Melman (2006) discute sobre a importância de se estabelecer um vínculo entre os profissionais de saúde e familiares, pois muitas vezes é imposto aos familiares o encargo de dar os remédios nas horas e condições certas e, no entanto, esquecem

do primordial: oferecer subsídios que deem apoio psicológico a estes acompanhantes.

Assim, cabe aos profissionais de saúde e a própria instituição hospitalar, contribuir para um tratamento mais integralizado e humanizado, a partir de um atendimento que vise o acolhimento, mediante uma escuta ativa e sensível, além da transmissão de uma linguagem adequada e acessível no fornecimento de dados sobre o estado do paciente, uma vez que é um direito caso seja solicitado, o acesso ao prontuário médico e demais informações (GAUDERER, 1998).

A assistência oferecida no hospital aos familiares/acompanhantes, como a escuta das suas demandas e esclarecimento das condições de saúde do paciente, caracteriza-se como medidas simples de acolhimento que transmitem segurança, proporcionando a amenização do sofrimento do familiar e uma comunicação satisfatória com a equipe de saúde, elementos essenciais na atenção e orientação por parte dos profissionais responsáveis pelo caso clínico.

Sob essa perspectiva, é primordial que o psicólogo que integra a equipe de saúde do hospital, busque desenvolver estratégias que auxiliem o paciente e a sua família a elaborar as emoções vivenciadas durante o período de tratamento e assim consigam se adaptar melhor à rotina hospitalar. Para tanto, além do conhecimento do quadro clínico do paciente, é preciso que o psicólogo identifique, a partir de ações interventivas, quais as demandas emergentes do sujeito e conduza a sua atuação profissional a partir do que foi acolhido.

É importante salientar que a trajetória do psicólogo no contexto hospitalar, é permeada por situações desafiadoras, entre elas, o não reconhecimento da sua abordagem, no qual pode haver algum tipo de dificuldade na comunicação entre as categorias profissionais em que por vezes, exige do psicólogo a necessidade de desmistificar qual o seu lugar dentro da equipe de saúde, justificando a importância da saúde mental no processo de recuperação e as possibilidades de intervenções psicológicas para o bem estar do paciente, para assim delimitar o seu campo de atuação (FOSSI; GUARESCHI, 2004).

Desse modo, a intervenção da Psicologia no âmbito hospitalar tem como objetivo contribuir para a ressignificação do indivíduo perante a hospitalização, assim como sua interpretação sobre a doença, colaborando para compreensão do diagnóstico e a aceitação ao tratamento. Em suma, o papel do profissional de

psicologia dentro do hospital torna-se essencial no sentido de potencializar o sujeito frente ao seu adoecimento, estabelecendo uma relação terapêutica, para que por meio deste sustentáculo ele possa vir a ter condições de participar ativamente do seu processo de melhora.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, descritiva, com abordagem qualitativa. As fontes bibliográficas foram identificadas através das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), o qual disponibiliza na internet os textos completos de artigos de revistas científicas e no Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), que é índice bibliográfico da literatura relativa às ciências da saúde, publicada nos países da América Latina e Caribe e por fim, o Public Medline (PubMed) e nos periódicos da CAPES.

Para a busca dos artigos foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Intervenção Psicológica; Criança Hospitalizada.

Foram estabelecidos os seguintes parâmetros de inclusão: Artigos que abordassem os objetivos do presente trabalho; artigos publicados entre os anos de 2003 à 2021; artigos em inglês, português; artigos delimitados como revisão de literatura, estudos populacionais e estudos clínicos. Parâmetros de exclusão: Artigos que não sejam disponibilizados de forma completa online; artigos que não se enquadram nos parâmetros de inclusão. Após a seleção dos artigos, os estudos foram organizados através da caracterização das publicações, contemplando aspectos gerais sobre os artigos: autoria, ano de publicação, periódico, área do conhecimento.

Concluída essa etapa, realizou-se um levantamento de informações específicas a respeito do que está sendo publicado e as temáticas abordadas. As informações ficaram organizadas considerando a frequência de cada temática, sendo referenciados devidamente as ideias dos autores que embasaram este estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A estratégia de busca identificou 59 artigos, sendo que dos artigos analisados 33 foram descartados por não apresentarem texto completo e por não se adequarem nos critérios delimitados. Dentre os artigos encontrados selecionados apenas 26 foram utilizados para desenvolver esse estudo.

O presente estudo está ancorado na literatura disponível sobre a importância da atuação da psicologia para a criança em processo de hospitalização, compreendendo os fatores emocionais e psicológicos que permeiam a experiência da internação hospitalar. Buscou-se aspectos mais relevantes da Psicologia Hospitalar em que foram reunidos os conceitos acerca do psicólogo na hospitalização infantil, abordagem aos familiares e intervenção do psicólogo frente a esse contexto. No quadro 1 está a caracterização dos artigos analisados em 2021.

Quadro 1- Caracterização dos artigos analisados, 2021.

Título/ano	Objetivo	Desfechos	Conclusão
Enfermaria de pediatria: avaliação e intervenção psicológica. (2003).	Examinar a percepção do suporte familiar e da saúde mental de mães de crianças hospitalizadas em UTI Pediátrica.	Correlação alguma foi encontrada na tentativa de associação entre a saúde mental e a percepção do suporte familiar das participantes e deve-se, essa ocorrência, ao evento do IPSF não ter variado durante os quatro momentos de coleta de dados.	O apoio à hipótese pelo aumento da saúde mental das mães após os momentos de crise da hospitalização e que a não variação do IPSF esteja relacionada para uma melhor percepção de suporte familiar deste grupo amostral.

<p>Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. (2004).</p>	<p>Identificar e avaliar, a partir do relato da própria criança, a importância dada por ela ao ato de brincar como estratégia de enfrentamento.</p>	<p>Brincar constitui-se de fato em um recurso viável e adequado para o enfrentamento da hospitalização e pode ser mais utilizado quando a criança encontra apoio nas ações institucionais que viabilizam e disponibilizam recursos humanos e materiais para este fim.</p>	<p>O instrumento mostrou que o brincar pode ser um recurso adequado para a adaptação da criança hospitalizada, permitindo personalizar a intervenção.</p>
<p>Psicologia da saúde e criança hospitalizada. (2008).</p>	<p>Discutir aspectos relacionados à humanização na assistência da criança hospitalizada.</p>	<p>Torna-se fundamental que os profissionais da saúde que atuam em ambiente hospitalar estejam voltados para o ofício do cuidado à saúde, bem como lidar com o processo saúde-doença e nascimento-morte.</p>	<p>O cuidado humanizado torna-se então uma prática ainda a ser desenvolvida pela equipe na atenção à saúde da criança e sua família</p>
<p>Estimulação precoce com bebês e pequenas crianças hospitalizadas:</p>	<p>Descrever a experiência de estágio em Psicologia Clínica/Hospital</p>	<p>As intervenções ocorrem por meio da realização de atividades de estimulação precoce com os pequenos pacientes</p>	<p>A experiência do estágio tem possibilitado ao acadêmico de Psicologia agregar à formação profissional a</p>

<p>uma intervenção em psicologia pediátrica. (2009).</p>	<p>ar no curso de graduação em Psicologia.</p>	<p>internados, considerando seu quadro clínico; a adaptação destes pacientes ao processo de hospitalização; a interação com os familiares, capacitando-os para participarem e realizarem as atividades de estimulação no ambiente doméstico; sensibilização e orientação à equipe de saúde para os aspectos emocionais presentes no quadro clínico dos bebês e pequenas crianças hospitalizadas.</p>	<p>transformação do modelo biomédico para o biopsicossocial o qual propõe uma reformulação na forma de interagir com o paciente, família e equipe, buscando desenvolver ações solidárias e comprometidas com a promoção da saúde no contexto hospitalar.</p>
<p>A criança hospitalizada: Um estudo sobre a atuação do Psicólogo Hospitalar. (2010).</p>	<p>Explicar os aspectos relacionados ao atendimento psicológico infantil no âmbito hospitalar.</p>	<p>A Psicologia Hospitalar, através de recursos usados pelo psicólogo como possíveis intervenções que, aliados ao tratamento médico, proporcionam benefícios à criança internada.</p>	<p>A hospitalização infantil demanda um atendimento mais especializado, pois abrange diversos aspectos que podem atingir à criança emocional e psicologicamente quando afastadas do seu ambiente, das suas rotinas e do seu mundo social.</p>
<p>Intervenção psicológica no</p>	<p>Descrever um relato de</p>	<p>A intervenção psicológica se mostrou efetiva e a</p>	<p>Acredita-se que as intervenções cognitivo-</p>

acompanhamento hospitalar de uma criança queimada. (2011).	pesquisa proveniente da atuação do Serviço de Psicologia Hospital de Urgências de Sergipe (HUSE), Unidade de Tratamento de Queimados (UTQ).	criança desenvolveu habilidades adaptativas que contribuíram para a adesão ao tratamento na unidade hospitalar e para o manejo da dor. Recomenda-se a aplicação dessas técnicas de intervenção nas unidades de pediatria hospitalar para verificar a necessidade de adaptações.	comportamentais podem ser utilizadas no ambiente hospitalar devido às suas contribuições para a recuperação da saúde integral da criança hospitalizada.
A experiência de crianças com câncer no processo de hospitalização e no brincar. (2013).	Abordar o câncer infantil, o processo de hospitalização exigido para o tratamento e a inserção das atividades lúdicas no hospital, tendo como objetivo identificar o conhecimento da criança com câncer sobre sua hospitalização e a utilização do brincar em uma	As crianças, na sua totalidade, relataram gostar de brincar e refletiram a brincadeira como maneira de amenizar o trauma da hospitalização, sendo os procedimentos invasivos o maior causador desse trauma.	As atividades lúdicas são importantes para o enfrentamento da hospitalização.

	unidade de internamento.		
Intervenção lúdica a crianças com doença crônica: promovendo o enfrentamento. (2014).	Analisar os efeitos da realização de atividades do manual “Como Hóspede no Hospital” sobre o processo de enfrentamento de crianças afetadas por doenças crônicas.	As atividades do manual estimularam a busca de informação sobre a doença e o tratamento, e aumentaram o interesse e a participação das crianças e dos adolescentes em envolver-se no cuidado à saúde, contribuindo para um melhor enfrentamento.	Aponta-se a necessidade de cuidados integrais às crianças com doenças crônicas.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com base nos estudos analisados, compreende-se que a enfermidade pode consistir em um processo que engloba experiências por vezes negativas, sobretudo, no contexto da infância e isso se amplifica quando existe a demanda de hospitalização. Além disso, os autores atribuíram que o confinamento em instituições hospitalares reverbera nas crianças, conflitos emocionais provenientes da separação do ambiente familiar (ALTAMIRA, 2010; AZEVÊDO; SANTOS, 2011).

Algumas pesquisas apontam que a primeira internação pediátrica é considerada bastante desafiadora, pois traz mudanças repentinas para o cotidiano da criança e da sua família, sendo necessário adequar-se às regras impostas pela própria instituição hospitalar e aos novos horários decorrentes do tratamento médico. Diante disso, a internação hospitalar superior há cinco dias pode ser traumática e causar danos psicológicos na criança ou provocar comportamentos que induzem a alterações no desenvolvimento intelectual, afetivo e da personalidade (DIAS; COLS., 2003 apud MORAES; ENUMO, 2008).

Essa transição que a criança está atravessando torna o hospital um local de sofrimento, tanto fisicamente, como emocionalmente. Assim, quando hospitalizada, a criança encontra-se em seu momento de maior fragilidade, vivenciando episódios difíceis, pois além de enfrentar os sintomas provocados pela doença, precisa lidar com a ausência de sua família, amigos e escola. Logo, a criança enferma necessita de uma assistência que atenda às suas questões emocionais e a auxilie na construção de estratégias de enfrentamento do sofrimento vivenciado no hospital.

As pesquisas constataram que o profissional de psicologia ao ser inserido no contexto hospitalar, deve desenvolver trabalhos interdisciplinares junto à equipe de saúde, oferecendo atendimentos em diferentes níveis de tratamento, com foco no acompanhamento e avaliação dos processos psíquicos do paciente, além de estar vigilante as variáveis psicológicas da criança internada, como também da família, como forma de prevenção do desencadeamento de transtornos que comprometam um bom desenvolvimento do quadro clínico (DELVAN et al., 2009; AZEVÊDO; SANTOS, 2011). Dessa forma, todo o impacto emocional vivenciado pela criança adoecida durante a hospitalização pode ser atenuado através do fornecimento de certas condições que proporcionem possibilidades de um desenvolvimento saudável.

A psicologia busca compreender as complexidades que permeiam a criança hospitalizada, percebendo as apreensões referentes à patologia, ao hospital e a internação. Nessa perspectiva, os autores trouxeram em seus estudos a importância do atendimento psicológico nos hospitais, devido a potencialidade da promoção do bem-estar biopsicossocial dos pacientes e familiares, haja vista que o psicólogo desenvolve sua prática de modo integrado com os outros profissionais que compõem a equipe de saúde. Ademais, acrescentaram que a atuação do psicólogo na hospitalização infantil, é capaz de reduzir o sofrimento das crianças, o que culmina em um cenário menos hostil (CALVETT; SILVA; GAUER, 2008; AZEVÊDO; SANTOS, 2011). Desse modo, cabe frisar que o psicólogo hospitalar deve estar apto para trabalhar em equipe e lidar com crianças de variadas faixas etárias e contextos socioculturais. Além disso, o psicólogo necessita participar da tomada de decisões em reuniões com os demais profissionais de saúde com a finalidade de oferecer apoio e segurança na assistência ao paciente e a família (CFP, 2007).

Alguns autores concordaram e dissertaram em estudos sobre os elementos que mais trazem reações de estresse a criança hospitalizada e os mais citados foram:

cisão nos hábitos de vida cotidiana e os diversos tipos de procedimentos médicos que por vezes são extremamente dolorosos e invasivos (CALVETT; SILVA; GAUER, 2008; ALTAMIRA, 2010, AZEVÊDO; SANTOS, 2011).

Em vista disso, compreende-se que o rompimento das atividades rotineiras e experiências sociais por consequência da hospitalização afeta significativamente a qualidade de vida da criança, uma vez que ela precisa lidar com uma série de perdas e limitações que podem afetar seu desenvolvimento (MUNHOZ; ORTIZ, 2006 apud MORAES; ENUMO, 2008, p. 227). A presença da família enquanto rede de apoio fará toda a diferença para que a criança consiga superar as dificuldades vivenciadas durante o processo de adoecimento e internação hospitalar. Por essa razão, o acompanhamento psicológico, bem como uma escuta qualificada a todo esse contexto, pode auxiliar a criança e sua família nesta situação atípica de mudanças e de adaptações.

Os estudos indicaram a potencialidade da intervenção precoce, visto que esta é uma ação que pode proporcionar estímulos, simplificar a aquisições de habilidades e o enriquecimento de vivências das crianças que apresentam alterações ou disfunções. Isto posto, constata-se ainda que o estímulo precoce tem a capacidade de promover experiências e aprendizagens adequadamente nos primeiros anos de vida, tanto em quantidades e oportunidades suficientes, propiciando a organização dos mecanismos psicomotores, de modo a garantir à criança um desenvolvimento motor e socioemocional conforme a sua idade e grupo social (ALTAMIRA, 2010, DIAS et al., 2013).

Durante o processo de hospitalização, o psicólogo hospitalar deve desenvolver um atendimento que seja capaz de valorizar o lúdico e não esquecer que o atendimento a criança nesse contexto, demanda o desenvolvimento de atividades e ambientes distintos bem como uma decoração de modo que não produza tristeza (DELVAN et al., 2009, AZEVÊDO; SANTOS 2011, DIAS et al., 2013).

Nessa direção, o cenário hospitalar precisa ser adaptado conforme a necessidade do paciente pediátrico e as possibilidades oferecidas pela instituição com o intuito de que a criança se sinta confortável ao estar próxima de figuras e objetos que lhe sejam familiares, minimizando o seu desconforto por estar longe da sua casa. Desse modo, é possível afirmar que a brinquedoteca no hospital infantil tem como propósito possibilitar momentos de socialização, tornando o ambiente mais

acolhedor para a criança internada, ajudando-a conviver melhor com a hospitalização e o que dela decorre.

A realização constante de procedimentos médicos pode ser um fator desencadeante de estresse na criança, demonstrando a relevância da construção de métodos avaliativos e de estratégias interventivas que contribuam para a prevenção do agravamento das reações de dor e ansiedade. Quanto às formas de reduzir o sofrimento das crianças em condição de internação hospitalar e a promoção de um ambiente menos desagradável, os autores citaram em seus estudos que o psicólogo deve utilizar tais recursos: brincadeiras, brinquedoteca, livros infantis e o desenho, porque esses instrumentos já foram validados para o atendimento psicológico de crianças hospitalizadas (MOTTA; ENUMO, 2004, AZEVÊDO; SANTOS, 2011).

A hospitalização altera o cotidiano da criança, em razão disso é importante atuar com novas possibilidades, assim, o uso da ludicidade enquanto meio de enfrentamento emocional têm por intuito auxiliá-la na adaptação e manter o bem-estar. Além do mais, foi demonstrado que a construção de um espaço lúdico no ambiente hospitalar, possibilita o diagnóstico das necessidades psicossociais da criança, bem como traz benefícios para a sua condição clínica, isto porque, o psicólogo propõe a utilização de materiais lúdicos como um meio de acessar as fantasias, os medos relacionados à internação, recuperação e tratamento (ALTAMIRA, 2010; AZEVÊDO; SANTOS, 2011).

Em razão disso, o brincar pode ser eficaz no tratamento de crianças que passam por episódios de estresse, medo e ansiedade associados a patologias, tornando-se comum o uso de planejamentos de intervenção em hospitais que envolvem o brincar como método para o enfrentamento dos efeitos traumáticos do tratamento médico (KNELL, 1993 apud MOTTA; ENUMO, 2010). Nessa circunstância, percebemos que a criança em longo período de tratamento de saúde fica restringida a realizar atividades próprias da sua faixa etária, com isso, é possível inferir que a assistência lúdica desenvolvida na hospitalização infantil percorre no sentido de atender a demandas inerentes a essa fase da vida e resgatar uma conexão com o universo conhecido da criança, que foi cessado de forma repentina pelo adoecimento. As brincadeiras auxiliam as crianças a exporem os seus sentimentos e permitem que se sintam mais seguras no processo de internação, facilitando a adesão

aos protocolos hospitalares e uma melhor interação com os membros da equipe multidisciplinar.

Dentre os diversos fatores que permeiam essa nova rotina, destaca-se a importância da equipe hospitalar mostrar-se atenta ao desenvolvimento da criança, auxiliando-a na estimulação dos aspectos sadios, por exemplo, a sua fala, ao movimentar-se no leito, ao levar brinquedos a sua cama, e essencialmente tocando-a, através do olhar afetivo, acariciando-a suavemente no manejo de procedimentos, etc. Nesse sentido, os autores advertiram em seus estudos sobre a necessidade de a equipe de saúde estar vigilante ao estado emocional da criança bem como dispor de atitudes de compreensão e de ajuda à criança hospitalizada, sobretudo, auxiliando-a nos momentos de ansiedade e sentimentos que por vezes não são expressos ou desconhecidos (DELVAN et al., 2009, MOURA et al., 2014, CALVETT; SILVA; GAUER, 2008, DIAS et al., 2013).

Alguns autores concordam que o psicólogo deve ser sincero nas orientações e entender que a criança deve ter participação ativa no processo do cuidado e que a elas está garantido o direito da escuta, do falar e do discutir, sendo então, o que lhes assegura a dignidade e o respeito (ALTAMIRA, 2010, CALVETT; SILVA; GAUER, 2008). A compreensão da criança sobre o tratamento médico facilita a adesão e contribui para a atenuação de possíveis reações ansiosas à medida que se encerram as fantasias sobre o processo como um todo. Por esse motivo, é necessário que seja transmitido de forma adequada para a criança tudo o que irá sentir e vivenciar durante a hospitalização, para que assim ela possa se expressar, tirar dúvidas e dar significado aos acontecimentos.

De acordo com a literatura, existem diversos meios para estimular o desenvolvimento saudável da criança no contexto de internação hospitalar e o cultivo de uma comunicação afetuosa com a criança pode facilitar esse processo, seja por meio de uma linguagem verbal ou não-verbal, o que ratifica a necessidade de uma sensibilidade do profissional de saúde no que concerne à leitura da linguagem corporal da criança, de forma a assegurar um melhor atendimento, bem como fortalecimento do vínculo (CALVETT; SILVA; GAUER, 2008, DELVAN et al., 2009, MOURA et al., 2014).

A equipe multidisciplinar deve ser capaz de proporcionar acolhimento e amenizar o sofrimento físico e emocional provenientes da hospitalização, atentando-

se para que mesmo que a criança não possa expressar-se verbalmente, todos os procedimentos a serem realizados sejam explicados, como forma de reduzir a ansiedade e o medo face ao desconhecido, e, sobretudo, nos procedimentos invasivos. Os profissionais de saúde podem ainda estimular a família a trazer os objetos preferidos da criança, como forma de manter o vínculo com seu lar, possibilitando um ambiente mais humanizado e familiar (CALVETT; SILVA; GAUER, 2008, DELVAN et al., 2009, AZEVÊDO; SANTOS, 2011, DIAS et al., 2013). É possível ter a percepção do quanto uma equipe de saúde que priorize uma conduta humanitária resultará em um tratamento menos angustiante tanto para a criança hospitalizada como para sua família.

Em suma, todos os estudos analisados foram unânimes em afirmar que a psicologia, com sua teoria e prática, traz seu saber a fim de promover ações humanizadas e acolhedoras na assistência à saúde mental no contexto da hospitalização infantil, através de uma comunicação fácil e acessível para o paciente, para a equipe e para a família. O desenvolvimento infantil exige uma nova realidade, e faz-se necessário que a criança consiga estabelecer-se diante dessa nova situação, e para isso deve-se ter estratégias para auxiliarem nesse processo de hospitalização.

Dessa maneira, o profissional de psicologia intervém para além do paradigma biomédico, conduzindo a sua prática para os aspectos psicológicos vivenciados pela criança durante a internação hospitalar. Vale salientar ainda que, os estudos caracterizados nessa revisão de literatura, ressaltaram que a atuação do psicólogo no hospital não deve ser centralizada nos diagnósticos de patologias, mas sim o que a doença representa de forma subjetiva para cada paciente, possibilitando que a criança se posicione como sujeito e protagonize o seu processo de recuperação.

Assim, correlacionando os achados da pesquisa e as minhas vivências no hospital enquanto aluna extensionista, pude perceber que a construção de ações interventivas, que possibilitem um desenvolvimento saudável, é essencial no cuidado à criança hospitalizada. No hospital, observa-se que as intervenções da psicologia podem ser realizadas de diversas formas no leito, individualmente ou em grupo e que a criança enquanto sujeito não deve ser silenciada durante a sua hospitalização. O ato de brincar no ambiente hospitalar, permite a elaboração dos sentimentos da criança, contribuindo para o entendimento das suas necessidades e uma melhor interação com a equipe multidisciplinar e família.

Portanto, após a revisão bibliográfica utilizada compreende-se que a atuação do psicólogo no contexto da hospitalização infantil, abrange além das demandas relacionadas ao trabalho na instituição hospitalar e exige do profissional de saúde conhecimentos referentes a questões específicas da infância que proporcionem uma assistência que abarque as condições subjetivas do adoecimento e o desenvolvimento das crianças, levando em consideração o contexto em que estas estão inseridas.

5 CONCLUSÃO

A hospitalização infantil é um dos fatores que mais causam mudanças no cotidiano da criança, desencadeando reações de medo e insegurança frente ao novo contexto. Posto isto, o presente estudo discorreu sobre as principais intervenções da Psicologia utilizadas em crianças hospitalizadas.

Sendo assim, identificou-se na literatura científica que trata sobre o tema, que a Psicologia Hospitalar é capaz de promover um atendimento que assegura os direitos e compreende a subjetividade da criança, tendo em vista que traz para o processo de cura o acompanhamento e a avaliação dos processos psíquicos da criança com foco nas suas necessidades biopsicossociais.

Além disso, os profissionais de psicologia devem implicar a equipe de saúde no cuidado e fortalecimento do vínculo da criança hospitalizada, assegurando uma interprofissionalidade de maior qualidade no atendimento e conseqüentemente a recuperação da mesma, bem como o desenvolvimento de um atendimento humanizado e holístico no contexto hospitalar.

Por fim, espera-se com este trabalho, que haja um reforço e reconhecimento na compreensão acerca das ações interventivas, e que elas possam atender as demandas psicológicas, de modo que colabore para amenização do sofrimento

emocional da criança hospitalizada, como também auxiliá-la na compreensão dos procedimentos médicos a serem realizados, permitindo que a criança enquanto paciente seja capaz de assumir uma postura ativa durante o período de tratamento.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRA, Lorena L. A criança hospitalizada: Um estudo sobre a atuação do Psicólogo Hospitalar. Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Arcos/MG, 2010.

ALVARENGA, José da Paz Oliveira et al. Multiprofissionalidade e interdisciplinaridade na formação em saúde: vivências de graduandos no estágio regional interprofissional. *Rev Enferm UFPE*, v. 7, n. 10, p. 5944-51, 2013.

AZEVÊDO, Adriano Valério dos Santos; SANTOS, Ana Flávia Trindade dos. Intervenção psicológica no acompanhamento hospitalar de uma criança queimada. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, p. 328-339, 2011.

BEZERRA, T. L. ; TAURISANO, A. A. ; PREBIANCHI, H. B. . Psico-oncologia. *Psicologia Hospitalar - Teoria, Aplicações e Casos Clínicos*. 3ed.: Guanabara Googan, 2018, v., p. 39-50.

BRUSCATO, W. L.; RODRIGUES, R. T. S. ; LOPES, S. R. A. . A Formação do psicólogo hospitalar. In: Wilze Laura Bruscato; Carmen Benedetti; Sandra Ribeiro de Almeida Lopes. (Org.). *A Prática da Psicologia Hospitalar na Santa Casa de São*

Paulo: Novas páginas em uma antiga história. 1ed.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, v. , p. 205-212.

CALVETT, Prisca Ücker; SILVA, Leonardo Machado da; GAUER, Gabriel José Chittó. Psicologia da saúde e criança hospitalizada. *Psic: Revista Da Vetor Editora*, v. 9, n. 2, p. 229-234, 2008.

CAMPOS, T. C. Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1995, p. 42-97.

CFP, Conselho Federal de Psicologia. Manual de Psicologia Hospitalar. Curitiba: Unificado, 2007.

CHIATTONE, H.B.C. A significação da psicologia no contexto hospitalar. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. (org.), *Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica*. São Paulo: Pioneira / Thomson Learning, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Uma questão de saúde: trajetória da Psicologia Hospitalar em São Paulo. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2005.

CREPALDI, M. A.; RABUSKE, M. M.; GABARRA, L. M. Modalidades de atuação do psicólogo em psicologia pediátrica. *Temas em psicologia pediátrica*, p. 13-55, 2006.

DELVAN, Josiane da S. et al. Estimulação precoce com bebês e pequenas crianças hospitalizadas: uma intervenção em psicologia pediátrica. *Revista Contrapontos*, v. 9, n. 3, p. 79-93, 2009.

DIAS, Jucielma de Jesus et al. A experiência de crianças com câncer no processo de hospitalização e no brincar. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 17, n. 3, p. 608-619, 2013.

DIAS, R. R.; BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S. D. Enfermaria de pediatria: avaliação e intervenção psicológica. *Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos*, p. 53-73, 2003.

ESMERALDO, G. R. O. V. et al. Tensão entre modelo biomédico e estratégia saúde da família: percepções dos trabalhadores de saúde. *Revista de APS*, v. 20, n. 1, 2017.

FOSSI, L. B; GUARESCHI, N. M. de F. A Psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, RJ. v. 7, n. 1. p. 29-40, jun. 2004.

GAUDERER E. C. Os direitos do paciente: um manual de sobrevivência. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

KAHHALE, E. M. P. Psicologia na saúde: em busca de uma leitura crítica e de uma atuação compromissada. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). *A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MELMAN, J. Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

MORAES, E. O.; ENUMO, S. R. F. Estratégias de enfrentamento da hospitalização em crianças avaliadas por instrumento informatizado. *Psico-USF (Impr.)*, Itatiba, v. 13, n. 2, p. 221- 231, dez. 2008.

MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Psicologia em estudo*, v. 9, p. 19-28, 2004.

MOURA, Flávia Moura et al. Intervenção lúdica a crianças com doença crônica: promovendo o enfrentamento. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 35, p. 86-92, 2014.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul. *Educação & Realidade*, v. 39, p. 595-616, 2014.

ROLIM, Carmem Lúcia Artioli; GÓES, Maria Cecília Rafael de. Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar. *Educação e Pesquisa*, v. 35, p. 509-523, 2009.

SOARES, Maria Rita Zoéga; ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. A inclusão do brincar na hospitalização infantil. *Estudos de psicologia (Campinas)*, v. 18, p. 64-69, 2001.

TERRA, Lílian Soares Vidal; CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Alienação do trabalho médico: tensões sobre o modelo biomédico e o gerencialismo na atenção primária. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 17, 2019.

VIEIRA, Maria Aparecida; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. Crianças e adolescentes com doença crônica: convivendo com mudanças. *Revista Latino-americana de enfermagem*, v. 10, p. 552-560, 2002.